

REFLEXÃO SOBRE TEMAS E QUESTÕES EM ÁREAS AFINS À FILOSOFIA 2

MARCELO MÁXIMO PURIFICAÇÃO
ELISÂNGELA MAURA CATARINO
VANESSA ALVES PEREIRA
(ORGANIZADORES)



Atena
Editora
Ano 2021

REFLEXÃO SOBRE TEMAS E QUESTÕES EM ÁREAS AFINS À FILOSOFIA 2

MARCELO MÁXIMO PURIFICAÇÃO
ELISÂNGELA MAURA CATARINO
VANESSA ALVES PEREIRA
(ORGANIZADORES)



Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadores: Marcelo Máximo Purificação
 Elisângela Maura Catarino
 Vanessa Alves Pereira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
R332	<p>Reflexão sobre temas e questões em áreas afins à filosofia 2 / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Elisângela Maura Catarino, Vanessa Alves Pereira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-873-1 DOI 10.22533/at.ed.731211103</p> <p>1. Filosofia. 2. Reflexão. I. Purificação, Marcelo Máximo (Organizador). II. Catarino, Elisângela Maura (Organizadora). III. Pereira, Vanessa Alves (Organizadora). IV. Título. CDD 101</p>
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Prezados leitores, saudações.

Caros leitores, trazemos até vocês o livro - Reflexão sobre Temas e Questões em Áreas afins à Filosofia 2. Uma obra multicultural que reúne textos de autores de diferentes regiões e instituições do Brasil, bem como, um trabalho de pesquisadores colombianos. O objetivo do livro é promover o diálogo e a reflexão filosófica, bem como a articulação entre pesquisa e pesquisadores. A leitura filosófica está viva e inclui temas como: ética, razoabilidade, crença religiosa, condição humana, violência e humanidades.

O livro é composto por 15 artigos, tendo no centro as discussões e interface de vários teóricos do campo de filosofia e áreas afins. Dentre eles podemos citar: Max Weber que intensifica o discurso sobre a racionalização do trabalho na sociedade capitalista moderna - Pirre Hadot, que contribuiu para o texto “A filosofia como exercício espiritual” - Pedro Laín Entralgo como dispositivo teórico no texto – “O que é homem? Do ponto de vista antropológico filosófico (...)” -, Hannah Arendt a partir de um discurso pautado na condição humana -, Kant e Rousseau, na perspectiva da educação das crianças, entre outros.

Nos textos desta obra, “a linguagem é versada em metáforas e retórica, e desta forma heterogênea a escrita filosófica é usada de forma consciente ou inconsciente”. A obra é um convite a uma imersão no mundo do conhecimento e da sabedoria, imbuído de “discursos”, “reflexões” e “questões filosóficas”. Diante o exposto, desejamos a todos uma boa leitura.

Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino
Vanessa Alves Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A ÉTICA DE LAO ZI E CONFÚCIO: REFLEXÕES SOBRE O FAZER EM SAÚDE E A NATUROLOGIA	
Mirella Guimarães Pedroso	
Ana Claudia de Leite-Mor	
DOI 10.22533/at.ed.7312111031	
CAPÍTULO 2	15
A RAZOABILIDADE FILOSÓFICA DA CRENÇA RELIGIOSA NA RESSURREIÇÃO DOS MORTOS	
Renato Somberg Pfeffer	
DOI 10.22533/at.ed.7312111032	
CAPÍTULO 3	25
AUGUSTO DOS ANJOS, LEITOR DE SCHOPENHAUER: CONSIDERAÇÕES SOBRE A DOR E O SOFRIMENTO	
Anna Paula Fernandes Zanoni	
DOI 10.22533/at.ed.7312111033	
CAPÍTULO 4	38
A RACIONALIZAÇÃO DO TRABALHO NA SOCIEDADE MODERNA CAPITALISTA EM MAX WEBER	
Maria Jorge dos Santos Leite	
DOI 10.22533/at.ed.7312111034	
CAPÍTULO 5	48
A FILOSOFIA COMO EXERCÍCIO ESPIRITUAL NO PENSAMENTO DE PIRRE HADOT	
Marcelo Gabriel de Freitas Veloso	
DOI 10.22533/at.ed.7312111035	
CAPÍTULO 6	55
BENTHAM E BYUNG-CHUL HAN: DA CASA DE INSPEÇÃO AO PANÓPTICO DIGITAL	
Nathan D'Avila Silva	
Keberson Bresolin	
DOI 10.22533/at.ed.7312111036	
CAPÍTULO 7	63
LA FILOSOFÍA COMO FORMA DE VIDA EN PERSPECTIVA DE PIERRE HADOT	
Adriana Obando Aguirre	
DOI 10.22533/at.ed.7312111037	
CAPÍTULO 8	71
¿QUÉ ES EL HOMBRE? DESDE LA PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA FILOSÓFICA DE PEDRO LAÍN ENTRALGO	
Adriana Obando Aguirre	
DOI 10.22533/at.ed.7312111038	

CAPÍTULO 9.....	82
FILOSOFIA MOÇAMBICANA: A AFIRMAÇÃO DE SI, COMO FUNDAMENTAL PARA O REFLORESCEM DA FILOSOFIA MOÇAMBICANA	
Nosta da Graça Mandlate	
Tancredo Tercílio Tivane	
DOI 10.22533/at.ed.7312111039	
CAPÍTULO 10.....	94
O NILISMO E O PROBLEMA DO VALOR	
Roberto Carlos de Andrade Júnior	
Robson Costa Cordeiro	
DOI 10.22533/at.ed.73121110310	
CAPÍTULO 11.....	104
PENSAR O QUE ESTAMOS FAZENDO: UMA REFLEXÃO POSSÍVEL A PARTIR DE UMA LEITURA DA OBRA <i>A CONDIÇÃO HUMANA</i> DE HANNAH ARENDT	
Thainá dos Santos Matos	
DOI 10.22533/at.ed.73121110311	
CAPÍTULO 12.....	112
PRINCÍPIOS BÁSICOS PARA A EDUCAÇÃO DA CRIANÇA NA PERSPECTIVA DE KANT E ROUSSEAU	
Joelma Fernanda de Sales Carneiro Dutra	
DOI 10.22533/at.ed.73121110312	
CAPÍTULO 13.....	133
SIM, LEMOS MENTES DESDE BEBÊS	
Fábio Rodrigo Oliveira Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.73121110313	
CAPÍTULO 14.....	147
SERIA O MEU TRABALHO DE PERFURADORA CORPORAL, A PRIMEIRA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER?	
Renata Ribeiro Costa Machado	
DOI 10.22533/at.ed.73121110314	
CAPÍTULO 15.....	150
HUMANIDADES E FILOSOFIA: O PAPEL DA UNIVERSIDADE NA FORMAÇÃO DO SER HUMANO E CRÍTICO	
Jovany Arley Sepúlveda Aguirre	
Luis Fernando Garcés Giraldo	
Conrado Giraldo Zuluaga	
Felipe Jaramillo Vélez	
Juan Esteban Alzate Ortiz	
DOI 10.22533/at.ed.73121110315	

SOBRE OS ORGANIZADORES	161
ÍNDICE REMISSIVO.....	163

CAPÍTULO 12

PRINCÍPIOS BÁSICOS PARA A EDUCAÇÃO DA CRIANÇA NA PERSPECTIVA DE KANT E ROUSSEAU

Data de aceite: 01/03/2021

Joelma Fernanda de Sales Carneiro Dutra

Universidade Federal de Catalão - UFCAT
Ipameri-GO

<http://lattes.cnpq.br/5409508112920220>

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo abordar os princípios básicos para se educar uma criança de acordo com a perspectiva dos pensadores Immanuel Kant e Jean-Jacques Rousseau. A pesquisa tem como foco para a formação do sujeito crítico e atuante na sociedade. Diante disso, levanta-se os seguintes questionamentos: Quais os princípios fundamentais para a formação da criança? Quais as semelhanças e divergências entre as teorias propostas pelos respectivos filósofos? Metodologicamente o estudo fundamentou-se em uma revisão bibliográfica em obras dos dois autores e em estudos e pesquisas que interpretam suas respectivas teorias, tomadas como fontes que subsidiaram a análise, no exercício de aproximação e distinção dos aspectos indicados pelos autores. Como resultado das discussões apontamos que a educação está intrinsecamente relacionada ao preparo para a vivência social, acompanha todo o desenvolvimento do ser humano até sua vida adulta. O estudo mostra que ambas as teorias educacionais caminham na mesma direção enquanto delineamento para a inserção da criança no seu meio, contribuindo para a formação de um indivíduo e cidadão

crítico, capaz de atuar na sociedade. Os aspectos abordados tornaram-se relevantes no discurso pedagógico moderno.

PALAVRAS - CHAVE: Educação da Criança; Pedagogia; Immanuel Kant; Jean-Jacques Rousseau.

BASIC PRINCIPLES FOR CHILD EDUCATION FROM THE KANT AND ROUSSEAU PERSPECTIVE

RESUME: This article aims to address the basic principles for educating a child according to the perspective of thinkers Immanuel Kant and Jean-Jacques Rousseau. The research focuses on the formation of the critical subject and active in society. Therefore, the following questions are raised: What are the fundamental principles for the formation of the child? What are the similarities and divergences between the theories proposed by the respective philosophers? Methodologically, the study was based on a bibliographic review on the works of the two authors and on studies and research that interpret their respective theories, taken as sources that supported the analysis, in the exercise of approximation and distinction of the aspects indicated by the authors. As a result of the discussions, we pointed out that education is intrinsically related to the preparation for social experience, accompanying the entire development of the human being until his adult life. The study shows that both educational theories are moving in the same direction while outlining the child's insertion in their environment, contributing to the formation of an individual and critical citizen, capable of acting in society. The

aspects addressed became relevant in the modern pedagogical discourse.

KEYWORDS: Child Education; Pedagogy; Immanuel Kant; Jean-Jacques Rousseau.

INTRODUÇÃO: CONTEXTUALIZAÇÃO DOS AUTORES E SUAS TEORIAS

“O homem é a única criatura que tem de ser educada. Por educação compreendemos os cuidados (alimentação, subsistência), disciplina e instrução juntamente com a formação. Por conseguinte, o homem é bebê – educando – formando.” (KANT, 2012, p. 9)

O ser humano deve ter acompanhamento apropriado em todas as etapas da sua vida, principalmente nos anos iniciais, foco de estudo desta pesquisa, pois a criança ao nascer encontra-se no seu estado rude, selvagem e necessita ser lapidada, precisando de cuidados, disciplina e instrução (KANT, 2012). Pontos que começam a ser introduzidos na infância quando ocorre o processo de formação natural, voltado para o seu desenvolvimento físico. Esta formação educacional é repleta de métodos e técnicas de ensino que são indispensáveis para moldar o caráter social do indivíduo.

Deve-se ter consciência de que um dos maiores problemas enfrentados pelo ser humano está na forma como a educação é passada de geração para geração, pois conforme Kant “o homem educa seus filhos com vistas ao presente, a fim de que cumpram um papel condizente no mundo, que sejam bons e tenham sucesso e isso lhe parece satisfatório” (ROSA, 2010, p. 3). Mas, a formação do indivíduo vai além disso, necessitando de intervenção do educador para amenizar as defasagens oriundas do ambiente familiar. O educador tem a responsabilidade de “preparar a criança sempre com o entendimento de humanidade e de sua inteira destinação, o que se coloca sempre como ponto futuro” (ROSA, 2010, p. 3). Portanto, cabe ao educador proporcionar a formação integral da criança para que no futuro, durante sua vida adulta, o indivíduo tenha capacidade de se posicionar na sociedade.

Nessa diretiva, apontamos questionamentos, tais como: Quais os princípios fundamentais para a formação da criança? Quais as semelhanças e divergências entre as teorias propostas pelos filósofos Immanuel Kant e Jean-Jacques Rousseau?

Apontamos como hipótese que somente através da educação o sujeito tem a oportunidade de obter senso crítico perante a sociedade na qual está inserido para poder atuar como cidadão (NOGARO; POKOJESKI, 2004). A esse respeito Kant descreve que: “É a Educação que possibilitará ao homem sua evolução até que possa chegar ao seu fim que é ver-se enquanto humanidade” (ROSA, 2010, p. 2). A educação é um meio pelo qual se consegue instruir o indivíduo em todas as etapas de sua vida, como menciona Rousseau (1995, p. 11) “Nascemos fracos, precisamos de força; nascemos desprovidos de tudo, temos necessidade e assistência; nascemos estúpidos, precisamos de juízo. Tudo o que não temos ao nascer, e de que precisamos adultos, é nos dado pela educação.”

Com isso em mente foram propostos os seguintes objetivos: apresentar os princípios básicos para se educar uma criança segundo a teoria dos pensadores Immanuel Kant e Jean-Jacques Rousseau. Apontar os pontos semelhante e divergentes entre as duas teorias.

Consideramos ser de grande relevância o estudo do processo de formação do ser humano, para compreender os princípios básicos que são necessários ao se educar uma criança, pensando na construção de um indivíduo crítico que em sua maioria tenha consciência de seu papel na sociedade. Itens que podem ser observados nas propostas educacionais dos filósofos Immanuel Kant e Jean-Jacques Rousseau.

Dados biográficos de origem indicam que o francês Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) teve uma vida pessoal conturbada, convivendo muito cedo com a morte da mãe e posteriormente a do pai, perpassando por várias cidades ao longo de sua vida. Teve filhos muito cedo e os abandonou. Sua vida profissional contou com um relativo limite na sua formação, tendo que conquistar a maioria de sua instrução de forma autodidata, por meio do investimento na leitura de clássicos de sua época. Se tornou filósofo, romancista e escritor, sendo autor de várias obras, dentre as quais destaco “*Emile ou da Educação*” considerada uma das maiores obras educacionais de todos os tempos (PAIVA, 2005).

Já o prussiano Immanuel Kant (1724-1804), de origem alemã, sendo o quarto filho de um total de 11 crianças. Por ter pais com formação “petista” luterana, em sua infância recebeu severa educação religiosa. Estudou a fundo teologia e filosofia racionalista, além de obter interesse pelas áreas de matemática e física. Após a morte de seu pai trabalhou como preceptor para se sustentar. Não se casou, nem teve filhos. Se tornou professor universitário lecionando filosofia moral, lógica e metafísica. Momento em que desenvolveu sua “Filosofia Crítica”, ganhando notoriedade com a publicação de diversas obras, sendo considerado o pensador mais influente dos tempos modernos (COBRA, 1997). Constata-se que foi leitor assíduo da obra de Rousseau, referenciando-o em alguns pontos de sua obra “*Sobre a Pedagogia*”. A qual descreve o processo educacional determinando os limites da razão humana dentro de uma sociedade.

Assim, como base teórica para o desenvolvimento deste estudo, referimo-nos as seguintes obras: *Sobre a Pedagogia* de Immanuel Kant e *Emile ou da Educação* de Jean-Jacques Rousseau, consideradas ambas as fontes adequadas para analisar o pensamento dos respectivos filósofos sobre o processo educacional do ser humano. No exercício de leitura, situamos alguns pontos de convergência e divergência existentes entre as duas teorias.

Estas obras foram escritas para públicos distintos e em épocas diferentes, ocorrendo primeiramente a publicação de *Emile ou da Educação*, em 1762, momento em que Rousseau alcança projeção como pensador renomado, ganhando a visibilidade de diversos públicos, em especial nos aspectos relacionados à educação, com foco na criança, emergindo o conceito de infância, condição diferenciada, comparada à vida

adulta. Sua coletânea foi dividida em cinco capítulos, com uma forma de escrita livre e criativa, com o uso de mecanismos da ficção para retratar todo o processo educacional da criança. Tal projeto tinha a intenção, segundo Paiva (2005, p. 07) de narrar “a história de um órfão chamado *Emílio*, colocado sob os auspícios de um preceptor e com ele passar todas as fases educacionais (*idade da natureza, idade da força, idade da razão e idade da sabedoria*).” Fases que são fundamentais para o processo evolutivo do indivíduo.

Neste sentido, percebe-se que a referida obra faz uma releitura dos caminhos necessários para o desenvolvimento da criança, colocando o personagem *Emílio* como um modelo educacional a ser seguido, pois considerava a educação fornecida pela sociedade inadequada, necessitando priorizar a formação de um sujeito crítico. Dessa maneira Rousseau conseguiria compartilhar suas experiências como preceptor, para as futuras gerações.

A obra *Sobre a Pedagogia* de Immanuel Kant, publicada em 1803, por seu discípulo Friedrich Theodor Rink, responsável por reunir diversos textos escritos por Kant no período em que ministrava cursos de verão na Universidade de Königsberg. Estes textos tinham um público-alvo bem específico, sendo direcionados para os alunos que frequentavam seus cursos. No conjunto, os escritos discorrem sobre os assuntos pedagógicos de forma resumida e direta, se preocupando com o tipo de indivíduo que está se formando, como menciona Batista (2017, p. 2) “sua preocupação não se prende ao seu tempo, se prende ao homem enquanto ser capaz de receber educação, disciplina e instrução, e de a cada nova geração aperfeiçoar seus conhecimentos e transmiti-los.” Uma forma de intervenção pedagógica voltada para a formação da criança, determinando as qualidades indispensáveis para a construção do ser humano crítico.

Observada a composição das duas obras, pode-se analisar que os respectivos autores apresentam pontos comuns em suas teorias, quando discorrem que a educação da criança deve se iniciar a partir do nascimento (KANT, 2012). Divergindo quanto ao momento de término do processo educacional, pois Rousseau aponta o encerramento da educação com o preceptor por volta dos 25 anos, com o casamento (PAIVA, 2007). Já Kant considera seu término por volta dos 16 anos, fase em que o indivíduo está pronto para procriar (BATISTA, 2017). Com isso, pode-se perceber que os dois autores chegam em um acordo, ao considerar que o término ocorre mediante o alcance de um nível de maturidade pelo indivíduo e início de sua vida adulta. Diante de tais evidências, os argumentos que compõem as duas teorias, embora divergentes em alguns aspectos, caminham no mesmo sentido ao atestar a necessidade de uma formação exercida por etapas, com finalidades distintas. Indicam a dimensão social da educação realizada fora da família, assim como a importância da função do mestre (o professor), no encaminhamento dos protocolos da educação do indivíduo, preparando-o para atuar e participar de determinada sociedade.

Em termos metodológicos, este ensaio utilizou-se da revisão bibliográfica para conhecer o que já foi produzido sobre assuntos tais como: as etapas do processo

educacional e os princípios fundamentais para se educar uma criança, de acordo com o pensamento educacional de Immanuel Kant e Jean-Jacques Rousseau. Aspectos cujos aprofundamentos serão desenvolvidos a seguir.

Princípios básicos para a formação da criança

“Mas considerai primeiramente que, querendo formar um homem da natureza, nem por isso se trata de fazer dele um selvagem, de jogá-lo no fundo da floresta; mas que, entregue ao turbilhão social, basta que não se deixe arrastar pelas paixões nem pelas opiniões dos homens; que veja com seus olhos, que sinta com seu coração; que nenhuma autoridade o governe a não ser sua própria razão.” (ROUSSEAU, 1995, p. 291)

O processo educacional do ser humano é norteado por princípios básicos que fundamentam sua existência em sociedade e determinam a finalidade da educação. Dentre os quais podem-se destacar, conforme a teoria Kantiana, os seguintes: disciplina¹, cultura², prudência³ e moralidade⁴ (LIMA, 2002, p. 63).

Na proposta de Rousseau, segundo Nogaro; Pokojeski (2004, p. 2) “Utiliza-se da felicidade⁵, da liberdade⁶ e da perfeição⁷ como pontos fundamentais para o progresso do indivíduo educado para ser cidadão.” Inclui ainda princípios como: o amor de si mesmo⁸, as paixões⁹ e a moralidade¹⁰, que estão presentes na teoria educacional de Rousseau e servem de base para direcionar o processo educacional da criança, caminhando em prol da construção de um ser crítico e participativo na sociedade.

Pela complexidade dos princípios básicos referenciados nos aspectos identificados nas duas obras, optamos por organizar a discussão do artigo em quatro tópicos cujos desdobramentos possam contemplar as relações, entrelaçamentos e divergências visualizadas. O primeiro analisa os caminhos entre a felicidade e a disciplina. O segundo descreve uma formação cultural que interfere no amor de si mesmo. O terceiro delimita

1 “A disciplina é, pois, a mera doma da condição selvagem.” (KANT, 2012, p. 19)

2 “Por cultura entende-se o ensino e a instrução. Obtém-se assim aptidões.” (KANT, 2012, p. 19)

3 Prudência é quando o indivíduo “se ajuste à sociedade humana, que seja popular e tenha influência. A tal pertence uma certa espécie de cultura que se designa por civilizar. Para tal requer-se maneiras, amabilidade e uma certa prudência segundo a qual se pode usar todos os homens para os seus fins últimos.” (KANT, 2012, p. 19)

4 Moralidade entende-se como a capacidade do homem “ser dotado de consciência, de molde a eleger de preferência apenas bons fins. Fins bons são aqueles que são necessariamente aprovados por todo o homem e que podem ser simultaneamente os fins de cada qual.” (KANT, 2012, p. 19)

5 De acordo com o pensamento de Rousseau “Na medida que nossas necessidades são satisfeitas, somos felizes” (SANTIAGO, 2004, p.17)

6 Conforme o pensamento de Rousseau “A liberdade humana consiste em não primar pelo excesso ou pela falta, o que pressupõe organizar o equilíbrio entre a necessidade e a vontade.” (TOMAZELLI, 2008, p. 43)

7 Perfeição segundo Rousseau “é a capacidade de se aperfeiçoar aprendendo coisas novas.” (NOGARO, POKOJESKI, 2004, p. 95)

8 Rousseau define o amor de si como “o sentimento instintivo lançado mão pelo ser humano para preservar sua vida” (DALBOSCO, 2015, p.149)

9 Paixões ou como Rousseau descreve, amor-próprio “é um amor nascido na sociedade e que possui um caráter egoísta, advindo daí o surgimento do mal.” (LEÃO, 2013, p. 11)

10 Dentro do pensamento de Rousseau moral pode ser descrita como “uma impressão da alma humana às suas sensações.” (LEÃO, 2013, p. 54)

onde o indivíduo deve ceder as paixões e onde deve ter prudência. O quarto e último discorre sobre uma educação moral, ponto em comum nas duas teorias aqui analisadas. Por meio da leitura analítica, evidenciamos nas aproximações e distinções, a contribuição de ambos os autores para pensar a educação do indivíduo, do cidadão e a sua imersão na sociedade.

Os caminhos entre a felicidade e a disciplina

Ao nascer a criança está no seu estado natural, selvagem, necessitando ser lapidada tanto pela família, onde se estabelece o seu primeiro contato, como pelo educador ou preceptor, ambos com a função de moldar o seu caráter para que tenha condição de sair do estágio selvagem e ser inserida na sociedade. Isso ocorre na primeira fase da Educação Física, quando a criança passa por uma educação negativa, mas necessária de acordo com Kant (2012, p. 41) “a primeira educação deve ser puramente negativa, isto é, que nada cabe acrescentar as preocupações tomadas pela natureza.” Portanto, o primeiro passo previsto na proposta educacional de Kant é submeter a criança ao princípio da disciplina, pois conforme o autor, entende-se como disciplina o fato de se sujeitar a criança desde cedo às leis da humanidade para aperfeiçoar seu caráter visando a liberdade do indivíduo (COSTA, 2018).

Assim, segundo Kant (2012, p. 23) “o homem deve, portanto: ser disciplinado. Disciplinar quer dizer: procurar impedir que a animalidade prejudique o caráter humano, tanto no indivíduo como na sociedade. Portanto, a disciplina consiste em domar a selvageria.” Um princípio necessário para que a criança não desvie do seu caminho em busca da sua humanidade.

Por meio da disciplina a criança é capaz de evoluir deixando para traz seu estado primitivo, selvagem, no qual dependia de constantes cuidados para a sua sobrevivência. Ela entra em uma realidade regida pela coação e obediência, qualidades que servem para reprimir seus impulsos selvagens, incentivando seus valores humanísticos. A esse respeito Batista (2017, p. 8) exemplifica:

Ocorrendo desde a infância, no âmbito da interação com as regras básicas da escola, por exemplo, ele [aluno] é levado a permanecer sentado, enquanto que o seu desejo imediato é o de se lançar ao movimento, indisciplinadamente; bem como a paulatina adequação à obediência, não ainda com o intuito de aprender necessariamente, mas decerto, dominar e restringir sua inclinação à liberdade.

Situações, estas, que ocorrem no cotidiano da criança dentro do ambiente educacional, apenas para discipliná-la e direcionar suas vontades. Valores que necessitam ser trabalhados pelo educador para que não se torne uma coisa negativa e impeça a autonomia da criança. Aspecto que Kant repudia, pois defende uma disciplina voltada para a liberdade do indivíduo (COSTA, 2018).

Esta liberdade deve vir acompanhada de felicidade, um princípio proposto por Rousseau que defende uma formação humanística, na qual a criança tem a liberdade de se manifestar dentro do processo educacional. Rousseau propõe uma educação interativa, pautada na relação de trocas entre professor e aluno, visando o aperfeiçoamento da criança. Trata-se de um princípio que perpassa entre os desejos da criança e a possibilidade de execução desses desejos, para que possa exercer seu papel na sociedade de forma feliz. Diante disso, Rousseau (1995, p. 62) pondera

Em que consiste a sabedoria humana ou o caminho da felicidade verdadeira? Não consiste precisamente em diminuir nossos desejos, pois se encontrassem abaixo de nossas forças, parte de nossas faculdades permaneceria ociosa e não gozaríamos de todo o nosso ser. Nem consiste tampouco em ampliar nossas faculdades, pois, se estas se ampliassem nas mesmas proporções, mais miseráveis ainda seríamos. Ela consiste, certo, em diminuir o excesso do desejo sobre as faculdades e a pôr em perfeita igualdade o poder e a vontade. É somente então que, estando todas as forças em ação, a alma permanece, contudo, serena e que o homem se acha bem ordenado.

Dessa forma, os princípios da disciplina e da felicidade devem caminhar juntos de maneira equilibrada na vida da criança. Introduzidos desde a primeira infância quando a criança inicia seu processo de formação e precisa ser direcionada por um adulto que a instrua como agir diante das situações que a vida lhe impõe. Por isso, cabe ao educador saber conciliar as vontades e desejos da criança com seus deveres e obrigações, para que ocorra uma aprendizagem de forma madura que estimule seu desenvolvimento (ROUSSEAU, 1995). Este equilíbrio faz com que a criança saiba seus limites, contribuindo para que tenha uma educação de maneira feliz, sem opressões ou frustrações.

Kant reconhece existir uma tensão entre disciplina e liberdade dentro do processo educacional, quando menciona que

É preciso que eu acostume meu aluno a usufruir da liberdade pela coação, e que, ao mesmo tempo, o instrua a fazer bom uso da liberdade. Sem isso, haveria nele apenas puro mecanismo; o homem privado de educação não sabe se servir de sua liberdade. É necessário que, desde cedo, sinta a resistência inevitável da sociedade, a fim de aprender a conhecer como é difícil bastar-se a si mesmo, suportar privações e adquirir o necessário para se tornar independente (KANT, 2012, p. 46).

A coação que a disciplina provoca na criança tem por finalidade o aprendizado de limites não incorrendo danos a si mesmo ou à sociedade da qual faz parte. Nessa acepção, os limites propiciados pela ação educativa assumem uma função positiva, pois contribui para agregar valores humanísticos na formação da conduta do indivíduo. Por meio da coação a criança aprende a usar a liberdade de maneira responsável, para conquistar sua independência. Essa é uma noção que prepara o indivíduo para ter autonomia de suas ações na sociedade.

Assim, a disciplina coercitiva na primeira infância da criança auxilia na obtenção de

instrução e esclarecimento a respeito de qualquer assunto. Além de contribuir para seu desenvolvimento progressivo, educando a sua natureza selvagem no sentido de tornar-se um ser civilizado, capaz do convívio social (KANT, 2012).

Entretanto, é importante situar que dentro do processo educacional os princípios de felicidade e disciplina assumem funções diferentes de acordo com cada uma das teorias analisadas nesta pesquisa. Observa-se que Kant acredita em uma formação pautada pela razão, não abrindo espaço para os sentimentos e vontades do indivíduo. Pontos fundamentais para existência da felicidade. Para Kant uma boa educação ocorre quando o sujeito consegue domar sua selvageria através da disciplina, e conquista sua liberdade com a finalidade de obter autonomia para suas ações na sociedade.

Agora, para Rousseau o mais importante na formação do indivíduo são os sentimentos. O autor acredita que está na natureza do ser humano a busca constante por felicidade. Trata-se da prática de ações que satisfaçam seus desejos e vontades de forma instintiva, com bondade natural. Quando o educador sabe dosar essas ações conquista o respeito e a educação do indivíduo. A disciplina para Rousseau ocorre como uma relação de trocas, quando se atende aos anseios do indivíduo este o retribui por meio da disciplina. Uma boa educação para Rousseau acontece quando o indivíduo consegue aprender de forma livre e atinja sua felicidade.

As ações educativas da criança podem ser respaldadas por esses dois princípios, conforme exposto nas duas teorias propostas, porém de maneira equilibrada para que a criança saiba quais os momentos de utilizar cada princípio. Considera-se que ambos os princípios se aproximam por contribuírem com a formação de sujeitos que saibam perceber seus limites e consigam adequar seus desejos dentro desses limites de forma autônoma para obterem sua felicidade.

Uma formação cultural que interfere no amor de si mesmo

Com a inserção da disciplina puramente como coação e obediência no início do processo educacional, a criança adquire maturidade suficiente para receber instruções e direcionamento, aspectos necessários para a construção de seu caráter. Estes conceitos fundamentam o princípio de cultura, pois conforme a teoria Kantiana “a parte positiva da educação física é a cultura. Por ela o homem se distingue do animal. A cultura consiste notadamente no exercício das forças da índole” (KANT, 2012, p. 53). Segundo o autor, por meio da cultura o ser humano é capaz de se instruir, o que o diferencia dos animais. Ainda, dentro da teoria Kantiana a cultura é definida como “a criação da habilidade e esta é a posse de uma capacidade condizente com todos os fins que almejamos” (KANT, 2012, p. 25). A capacidade de se instruir acompanha o ser humano ao longo de sua vida.

No âmbito da educação física, Kant descreve dois tipos de cultura: a cultura livre e a cultura escolástica ou mecânica, que caminham juntas no processo educacional. É tarefa do educador manter o equilíbrio entre estas duas formas de culturas, visando

uma educação de qualidade. Para isso, o educador deve instruir a criança incorporando habilidades e aprendizagens que contemplem a sua formação, tanto física (corpo) como intelectual (alma), seguindo as normas sociais estipuladas para cada faixa etária da criança (COSTA, 2018).

Para o autor, nesta fase a criança ainda não completou seu desenvolvimento físico, necessita de atividades que estimulem suas habilidades físico-motoras, no que Kant denominada de cultura livre. Trata-se de uma maneira de educação onde a criança aprende enquanto brinca. Um exemplo mencionado por Kant (2012, p. 56) são os brinquedos e brincadeiras, tais como:

a brincadeira da cabra-cega, por exemplo, é para saber como poderiam desempenhar-se, caso fossem privadas de um sentido. O pião é um jogo admirável. Esse tipo de brincadeira infantil dá aos homens ocasiões para reflexões ulteriores e, às vezes, são ocasiões de importantes descobertas.

Estas dinâmicas utilizadas na primeira infância para instruir e direcionar a criança, que devem ser mediadas pelo educador equilibrando momentos de brincadeira com momentos de dever e obrigação, sempre valorizando o trabalho realizado pela criança, para que essas habilidades reflitam no seu caráter. Esses pontos, para Kant, estão inteiramente ligados a cultura escolástica ou mecânica, a qual envolve o campo intelectual. Porém, apenas com o uso instrumental da razão, pois considera-se que a criança ainda não possui maturidade suficiente para obter uma formação moral (COSTA, 2018).

Kant aponta que a cultura mecânica está voltada para o cumprimento de uma determinada habilidade, um conhecimento sólido que se desdobra em ações. Como expõe Nodari; Saugo (2011, p. 144)

a educação mecânica é aquela que está baseada somente em acontecimentos ocorridos, ou seja, empíricos, ou vistos como exemplos para a educação, enquanto a educação raciocinada é aquela que vem dos conceitos puros da razão, sem intervenção da experiência.

Uma forma de cultura que pode ser detectada no ambiente escolar quando a criança recebe instrução para realizar uma determinada tarefa de forma mecânica, apenas por obrigação. Mas, com o intuito de desenvolver suas habilidades, estimulando o uso da razão para cumprir o que lhe foi proposto. Como descreve Costa (2018, p. 76)

é justamente na cultura da obrigação que entra a escola e o seu papel na educação das crianças, considerando que é na escola que a criança aprende a importância do trabalho e quando ficar adulta pode entender a necessidade de obter o seu próprio sustento, além de ser na escola que a criança aprende as habilidades necessárias para o uso instrumental da razão.

Deve se ter consciência de que a cultura mecânica não pode ocorrer de forma impositiva com o intuito de escravizar o indivíduo, sendo introduzida apenas para instruir a criança na execução de suas obrigações e aperfeiçoar sua capacidade de racionalizar as

coisas por si mesmas, sem julgamento.

Este princípio conta com a valorização por parte do educador para que ultrapasse o sentimento de obrigação e se torne uma atividade prazerosa para a criança. Tal aspecto se aproxima da teoria de Rousseau, quando descreve uma das primeiras e mais simples operações da alma humana: o amor de si mesmo, que pode ser entendido como “um respeito profundo por si mesmo e pelo outro no relacionamento diário com o semelhante e com as coisas” (PAIVA, 2007, p. 328). Um sentimento capaz de gerar a solidariedade para com o próximo, incentivando seus feitos não como mera obrigação. Fator que fortalece a relação educador-educando para que ambos procurem fazer seu melhor dentro do ambiente escolar.

Dessa forma, o amor de si mesmo pode ser considerado uma coisa boa para a criança que está sendo moldada dentro do processo educacional, pois se constrói de forma natural, servindo para conservar a pureza de seus princípios, favorecendo o cuidado consigo mesmo e seu bem-estar, como aponta Campos (2017, p. 55)

[...] evidencia-se que o homem, no estado de natureza, age pelo instinto, e sua única vontade é a de promover seu bem-estar colocando-se, embora não racionalmente, em prioridade. Assim, sem exercer qualquer atividade calculada ou reflexiva, este homem é 'impedido' de cometer qualquer mal – a si e a outrem –, pois não sabe o que é ser bom.

Trata-se de uma forma pura de ver o mundo ao seu redor que deve ser incentivada pelo educador na primeira infância para que perdure por toda a vida do indivíduo. Porém, deve se tomar cuidado com a forma como se estimula o pensamento racional da criança, para que consiga discernir o que te faz bem, do que te faz mal de maneira pura, sem julgamento ou interferência do meio em que está inserido.

Esta descoberta ocorre dentro do ambiente educacional, quando a criança conhece seus deveres e obrigações dentro de uma rotina cotidiana, onde o educador deve estimular a capacidade da criança racionalizar as coisas que acontecem ao seu redor, tomando cuidado para que o amor de si não perca sua essência natural e se torne uma coisa negativa para o indivíduo.

Para evitar esse tipo de situação, Rousseau defende a premissa de que para se amar ao próximo deve primeiramente amar a si mesmo (ROUSSEAU, 1995). Incentivando um processo de conservação dos instintos naturais da criança, que se aproxima da piedade, como aponta Rousseau (1995, p. 192), “é ela [a piedade] que nos leva a socorrer, sem refletir, aqueles que vemos sofrer; é ela que, no estado de natureza, substitui leis, costumes e virtude, com a vantagem de ninguém ficar tentado a desobedecer-lhe a doce voz.” Trata-se de uma forma de exteriorizar o amor de si mesmo mantendo-o no seu estado natural, passando do cuidado de si mesmo para o cuidado com o próximo.

Por isso, cabe ao educador a função de incentivar o desenvolvimento das habilidades culturais das crianças com a intenção de levantar sua autoestima para a construção do

amor por si mesmo, pontos fundamentais para que a criança consiga se socializar com outras pessoas.

Conforme a perspectiva apontada pelos dois autores com relação à cultura e ao amor de si mesmo, pode se constatar que os dois princípios se aproximam quando possibilitam que a criança obtenha capacidade de internalizar valores, princípios e regras que são necessárias para sua convivência em sociedade. Fatores importantes para que consigam se reconhecer enquanto pertencentes a um grupo social. Assim, ao se educar o indivíduo deve se manter o equilíbrio entre esses dois princípios.

O caminhar pelas paixões ou pela prudência

Desde a infância há o desenvolvimento de sentimentos que favorecem a relação primitiva de autoconservação. Inicialmente, para Rousseau, esses sentimentos, quando de ordem natural, não são nocivos ao indivíduo, existindo paixões que devem ser cultivadas, a depender de sua natureza, visando o bem-estar e a felicidade do homem.

O primeiro sentimento desenvolvido pela criança, e fundamental a todos os homens, é o amor de si. O cultivo desse amor, de ordem natural, é benigno ao ser humano, visto que corresponde a sua primeira paixão, sendo responsável por todas as demais paixões naturais que serão desenvolvidas pelo indivíduo ao longo da vida. Para Rousseau (1995, p. 235), o amor de si corresponde ao “amor a si mesmo, paixão primitiva, inata anterior a qualquer outra e da qual todas as outras não são, em certo sentido senão modificações. Assim se quisermos, todas [as paixões] são naturais.”

Dessa forma, é possível observar as primeiras manifestações oriundas desse sentimento nas relações cultivadas pela criança na primeira infância. Uma criança se apega a seus cuidadores devido a estes aparecerem como possibilitadores da sua conservação. O desenvolvimento desse sentimento ocorre de forma natural, tendo por base o instinto de autoconservação. Assim, a paixão primitiva do amor de si, que contribui para autoconservação da criança, se liga positivamente àqueles que cuidam do seu bem-estar e sobrevivência.

No decorrer do desenvolvimento infantil surgem outros sentimentos oriundos dessa relação primitiva de autoconservação, tendo por base que o amor ao próximo só é possível pelo resultado inicial de amar a si mesmo e de se conservar. Com o passar do tempo e por meio do contato com os outros, ocorrem modificações nas relações iniciais, dando margem para o surgimento de sentimentos contrários ao bem-estar do indivíduo

essas modificações em sua maioria têm causas estranhas sem as quais não ocorreriam nunca; e essas modificações, longe de nos serem vantajosas, nos são nocivas; mudam o primeiro objetivo e vão contra o seu princípio. É então que o homem se encontra fora da natureza e se põe em contradição consigo mesmo (ROUSSEAU, 1995, p.235).

Um exemplo desse tipo de sentimento nocivo é o amor-próprio, sendo resultado da vaidade e da possibilidade que o indivíduo tem de se comparar aos demais. O amor-próprio é uma mudança que ocorre no amor de si por falta de uma ação educativa adequada e, para evitar que tal modificação ocorra, deve-se “agir desde a mais tenra idade, desenvolvendo sua sensibilidade mediante exercícios práticos, jogos, brincadeiras e passeios” (PAIVA, 2007, p. 328).

Esse cuidado inicial com os sentimentos desenvolvidos pelas crianças é importante, pois como explana Rousseau (1964, p. 52), “São quase sempre os primeiros sentimentos mal dirigidos que fazem com que as crianças dêem os primeiros passos para o mal”.

Outro ponto explanado pelo autor refere-se as paixões instintivas em relação ao outro no sentido de admiração pelo próximo, que pode potencializar o crescimento do amor-próprio. O surgimento do desejo pelo outro e interesse pelo outro faz com que o indivíduo desenvolva admiração que em excesso pode ser nociva para o indivíduo, buscando se enquadrar aos padrões estabelecidos pelo meio a que ele está inserido, modificando sua natureza. Essas paixões não naturais que, em vez de propiciar a felicidade, são nocivas e fazem mal, devem ser descartadas, mantendo apenas aquelas paixões de origem natural, que fazem bem para o homem devido a propiciarem sua conservação.

Nossas paixões naturais são muito restritas; são só instrumentos de nossa liberdade, tendem a conservar-nos. Todas as que nos subjugam e nos destroem vêm de fora; a natureza não nos dá, nós nos apropriamos delas em detrimento dessa natureza (ROUSSEAU, 1995, p.235).

Diante disto, Rousseau se baseia na ideia de que o homem não se resume a razão, existem outras variantes como paixões, instintos, sentimentos que o auxiliam na tomada de decisões. Sendo assim, sua totalidade deve ser levada em consideração durante sua formação e desenvolvimento do senso crítico.

Contrapondo essa visão, Kant aborda que os sentimentos têm pouca relação com a formação do indivíduo, estando inseridos em um plano secundário. Para o autor, o bem-estar ou a felicidade são pertencentes ao âmbito particular e estão associadas às vontades, paixões e sentimentos mutáveis. Esse tipo de sentimento não fornece a base sólida necessária para formação do ser, sendo inconstantes durante a fase de desenvolvimento do senso crítico.

Os conceitos propostos por Kant separam a razão da emoção, levando em consideração, durante a formação do indivíduo, apenas o lado racional. A razão seria possibilitadora associada à consciência já moldada e obtida pelo indivíduo, diferente da felicidade, que abdica de princípios racionais em função do querer e das vontades, assim como aponta Kant (2007, p. 56) “[...] Felicidade não é ideal da razão, mas da imaginação [...]”. Em outras palavras, o autor defende que o processo educacional deve fomentar na criança a racionalidade, com este se sobressaindo em suas ações frente às emoções. “Que a criança esteja completamente impregnada não pelo sentimento, mas pela ideia de dever!”

(KANT, 1999, p. 92).

O homem que se deixa influenciado por seus desejos e paixões pode, em um agir impulsivo, fazer dele sua própria vítima. Não há no processo educacional kantiano espaço para que o sentimentalismo auxilie na construção do ser e formação de caráter, diferente do que foi observado nas ideias de Rousseau, com paixões que favorecem a conservação do indivíduo e maximizam o bem-estar.

Sustine, abstine: essa é a maneira de preparar para uma sábia moderação se se quer formar um bom caráter, é preciso domar as paixões. No que toca às suas tendências, o homem não deve deixá-las tornarem-se paixões, antes deve aprender a privar-se um pouco quando algo lhe é negado. *Sustine quer dizer*: suporta e acostuma a suportar! (KANT, 1985, p.86)

Kant aborda que a prudência no indivíduo deve ser desenvolvida pelo sistema educacional. A prudência pode ser definida como a “arte de aplicar aos homens a nossa habilidade, ou seja, de nos servir dos demais para os nossos objetivos” (KANT, 1999, p.85). É a qualidade responsável por moderar os sentimentos e paixões.

Essa prudência, na qual o homem deve aprender a dosar suas emoções, é denominada de prudência mundana e tem sua importância por permitir que o indivíduo alcance determinado objetivo em sociedade. Costa (2018, p. 77) complementa que

A prudência mundana diz respeito ao temperamento, e tem por finalidade ajudar a moderar as paixões. Concerne ao temperamento, por exemplo, a simpatia. [...] muito embora a simpatia deva ser cultivada, não se deve permitir que a criança sucumba ao sentimentalismo da compaixão nostálgica, considerando que ela é um mal ao caráter e não tem nenhuma utilidade prática; servindo apenas para lamentação.

Nesse sentido, reafirma-se as emoções como algo nocivo para a formação do indivíduo, devendo ser evitadas. Entretanto, alguns aspectos devem ser mantidos para facilitar a convivência com os demais, tendo em vista a harmonia e cordialidade nos meios em que a criança se encontra.

A prudência visa fazer com o que o homem, através da racionalidade, consiga tomar decisões acerca dos seus objetivos, adequando a situação conforme a sua necessidade. Deve ser trabalhada desde a infância, visando formar indivíduos detentores dessa qualidade.

A educação deve também cuidar para que o homem se torne prudente, que ele permaneça em seu lugar na sociedade e que seja querido e tenha influência. A essa espécie de cultura pertence aquela chamada propriamente de civilidade. Esta requer certos modos corteses, gentileza e a prudência de nos servirmos dos outros homens para os nossos fins. Ela se regula pelo gosto mutável de cada época (KANT, 1999, p.26).

O processo de formação da criança e do jovem flexibiliza o homem a desenvolver suas habilidades, como a prudência e a civilidade, para o bem. Sendo assim, este sujeito

será capaz de formular seus próprios juízos morais racionais, conduzindo-o à sujeição moral.

Porém, Costa (2018, p. 77) afirma que “o cultivo do caráter e o desenvolvimento da prudência não são propriamente a ação moral, mas unicamente, a aparência moral permitida, isto é, o estado de civilidade enquanto o ser moral não alcança seu estado de perfeição.” Essas habilidades são imprescindíveis durante o processo de formação, entretanto não são o objeto final do desenvolvimento da criança, devendo continuar o processo educacional a fim estabelecer os princípios morais para a vida do indivíduo.

Assim, de acordo com os dois autores estudados, para se educar o indivíduo deve se perpassar tanto pelo princípio da paixão, que para Rousseau significa saber utilizar seus sentimentos em busca da felicidade. Como pela prudência, que para Kant significa saber agir pela razão para que consiga discernir as atitudes boas das ruins. O equilíbrio entre estas duas virtudes são fundamentais para formar o caráter do indivíduo.

O educar para a moralidade

A moralidade, para Kant, é o resultado da busca por autonomia e do desenvolvimento do caráter e da ética. Para o autor,

Ser moral não é procurar sua felicidade, mas ser autônomo, obedecer às leis que nós mesmos estabelecemos: não a uma lei qualquer, que resultasse da sensibilidade ou do afeto, mas as leis universais e incondicionadas da razão prática. A ação moralmente boa é, primeiramente, a ação desinteressada, a ação realizada com boa vontade, por puro respeito pela lei moral, independentemente de qualquer impulso sensível (KANT, 2012, p. 164).

A formação moral compreende o último estágio da teoria educacional de Kant, sendo o verdadeiro fim para o homem. Entretanto, o desenvolvimento da moralidade só é possível através da educação, sendo presente em todo o processo de formação do ser. A moral terá seus princípios estabelecidos através dos cuidados, da disciplina, da instrução e da cultura a qual esse indivíduo esteve inserido.

Vale destacar que, embora a formação moral seja a última a ser desenvolvida pelo indivíduo, os estímulos dados para que este desenvolvimento ocorra devem ter início desde o princípio da formação do ser humano, abordando os conceitos do que é bom e mau. Caso isso não aconteça, conceitos contraditórios aos esperados podem ser fixados, tornando inúteis todos os esforços da arte educativa (KANT, 2006, p. 36).

No que diz respeito a natureza da moralidade, esta não é de origem natural, sendo que, na construção Kantiana, a moral só é adquirida quando sua razão se eleva aos conceitos de dever e de lei. Sendo assim, a escolha por atitudes boas ou ruins cabe ao homem, tendendo a ações benéficas quando obtém virtude e se convence a não ser influenciado por estímulos contrários aos por ele estabelecidos.

A moral toma por base as máximas, ou seja, os princípios práticos que são

subjetivos a cada pessoa e nascem do entendimento do indivíduo e da sua concepção. Podem ser ditas como as leis próprias de cada indivíduo. Sendo assim, o processo de desenvolvimento da moralidade deve ter início com o caráter, abordando a prontidão para agir segundo suas máximas. Deve ser estimulado que suas ações tendam para o bem, não por isto ser um fator limitante, mas porque fazer o bem é bom. Dessa forma, vê-se que o valor moral se restringe a ações envoltas as máximas do bem, sendo estas de caráter ativo, ou seja, tomadas pelo indivíduo. Inicialmente são abordadas as máximas escolares e, posteriormente, a aplicação se expande as máximas da humanidade (KANT, 2012).

A moralidade corresponde a uma das principais habilidades do indivíduo, não devendo associá-la a disciplina. Para se fundar a moralidade, não se pode castigar, visto que essa ação é parte constituinte da disciplina. O que se deve fazer é permitir que a criança arque com a consequência de seus atos, prejudicando a sua predisposição como ser honrado e amado. Por exemplo, quando a criança mentir deve-se demonstrar decepção e diminuir sua credibilidade, de forma que isso irá conscientizá-la a não repetir tal ato (KANT, 2012).

Outro ponto característico do conceito de moralidade explorado por Kant é que para se desenvolver a educação moral não se deve ensinar o agir moral, visto que a moral é característica singular do indivíduo. Em outras palavras,

o agir moral é de legislação absolutamente interna, ou seja, advém do próprio homem e assim não há como depender de outro homem. Aqui se constitui uma relativa diferença de origem, digamos, entre o agir moral e a educação. No primeiro, a origem deve ser o próprio homem, há um processo interno, já no segundo, a origem é externa, ou seja, alguém deve educar o homem. Não se pode esquecer, no entanto, que ambos estão ligados pois a ação dentro da moralidade exige a educação. Na verdade, a educação em Kant tem o objetivo de preparar a criança para, enquanto homem, buscar seu agir moral através da autonomia de pensamento. O pensar por si e ter sua ação alicerçada na mesma autonomia do pensamento possibilitará ao homem seu agir dentro da moralidade (ROSA, 2010, p. 5).

Dessa forma, o que deve ser feito é apresentar-lhes os deveres a serem cumpridos, tomando por base exemplos e preceitos que os auxiliarão na construção do caráter e, conseqüentemente, das máximas para a moral. O processo educacional se encerra com a consolidação de uma educação moral, ou seja, no momento em que o homem tem capacidade para governar a si mesmo. Para Kant, pode-se considerar como finalizada a busca pela moralidade no momento em que o indivíduo tenha condições para procriar e educar seu filho, ou ainda, quando atinge a idade de dezesseis anos (KANT, 2012).

A autonomia e/ou liberdade oriundas da consolidação moral está associada ao exercício da razão. A postura Kantiana defende que a vida moral consiste no uso público da razão, sendo que cada cidadão utiliza a própria razão para respaldar suas falas e ações.

o indivíduo Esclarecido é aquele capaz de opinar, de pensar e de agir política e socialmente de forma crítica e reflexiva alcançando assim sua maioridade. Nesse sentido quando isso ocorre esse sujeito pode se considerar livre para fazer uso da razão e inferir suas ideias se o mesmo for conhecedor do assunto abordado. Alcançando então, uma postura de responsabilidade por suas escolhas, não atribuindo a outros o mérito ou a culpa por erros ou acertos por ele cometidos (BATISTA, 2017, p. 1437).

A partir da obtenção da moralidade, frente ao conceito atribuído por Kant, o homem consolida seu caráter e toma posse do seu ser. Passa a escolher qual caminho irá seguir, podendo aplicar sua vontade com base nas máximas por ele estipuladas, tendendo tanto para o caminho do bem quando do mal.

O sentido de moralidade definido por Rousseau corresponde aos “modos que os seres inteligentes acrescentam às coisas naturais ou aos movimentos físicos, procurando dirigir e restringir a liberdade das ações voluntárias do homem, com o objetivo de colocar ordem, conveniência e beleza na vida humana” (ROUSSEAU, 1995, p. 60). Ou ainda, na mesma obra (p. 61), a formação moral parte do “preceito de agir com os outros, como queremos que ajam conosco, tendo como alicerce real a consciência.”

Para Rousseau a base da moralidade não é a razão, como defendido por Kant, mas sim, o desenvolvimento da consciência. Assim, o discernimento do bem e do mal e as ações do indivíduo perante a sociedade são atribuídas ao estabelecimento da consciência enquanto guia da moral.

Consciência! Instinto divino, voz celeste e imortal; guia seguro de um ser ignorante e limitado, mas inteligente e livre; juiz infalível do bem e do mal, que tornas o homem semelhante a Deus, és tu que fazes a excelência de sua natureza e a moralidade suas ações; sem tí nada sinto em mim que me eleve acima dos bichos, a não ser o triste privilégio de me perder de erro em erro com a ajuda de um entendimento sem regra de uma razão sem princípios. (ROUSSEAU, 1995, p. 331)

A consciência é uma habilidade subjetiva, que se desenvolve a partir das diferentes situações a que a criança é exposta, bem como, a moral, tendo em vista que ao nascer o ser não tem capacidade para realizar qualquer julgamento, sendo, então, amoral.

Essa habilidade, caracterizada como guia para o indivíduo, leva em consideração tanto a razão quanto a emoção, conduzindo-o a seguir as leis e o orientando a escolher o lado bom e do bem. A partir da consciência é possível ponderar as tentações despertadas no corpo pelas paixões e, apenas por meio dessa habilidade, se tem capacidade de sentir no máximo de seu interior o que é realmente certo e errado para o indivíduo, tomando como base os sentimentos que se apresentam no fundo de seu coração (LEÃO, 2013).

Para Rousseau a base de qualquer pessoa é a moral, que está intimamente ligada à sua consciência e a sua capacidade de se autoavaliar, pois “é do sistema moral formado por essa dupla relação consigo mesmo e com suas relações com seus semelhantes que nasce o impulso da consciência” (ROUSSEAU, 1995, p. 331).

Tendo em vista que “toda moralidade de nossas ações está no julgamento que temos de nós mesmos” (ROUSSEAU, 1995, p. 326). O desenvolvimento da consciência é fundamental para a expressão do ser, sua fundamentação moral e o estabelecimento da base do seu conhecimento.

De acordo com o autor, a compreensão das emoções pela consciência permite considerar que toda sensação obtida pelo homem é um tipo de julgamento, pois é necessário ter consciência da existência de sensações. E apenas através desse discernimento torna-se possível distinguir as diferentes sensações. Assim, é apenas com o exercício da consciência que o homem poderá julgar os conteúdos sentidos (LEÃO, 2013).

A preferência pela consciência como guia da moralidade é uma das características que marcam o pensamento rousseauiano, pois o autor retira da razão o título de condutora do homem. O motivo dessa troca se deve ao fato de a razão possibilitar enganos, assim como descrito por ROUSSEAU (2004, p. 405) “Veze demais a razão nos engana, conquistamos até demais o direito de recusá-la, mas a consciência nunca engana. Ela é o verdadeiro guia do homem.” Para o autor, o acréscimo dos sentimentos durante uma tomada de decisão (consciência) dá maior credibilidade, pois não se é possível recusar o que se sente, “tudo que sinto estar bem está bem, tudo que sinto estar mal está mal” (ROUSSEAU, 2004, p. 404). Assim, a sensação está sempre certa e nunca se engana.

Porém, é sabida a importância da razão para a obtenção de conhecimento do bem e do mal, embora caiba a consciência julgar qual caminho escolher. A razão e a consciência, embora possam ser usadas conjuntamente, são habilidades independente, pois

Só a razão nos ensina a conhecer o bem e o mal. A consciência que nos faz amar a um e odiar ao outro, embora independente da razão, não pode, pois, desenvolver-se sem ela. Antes da idade da razão, fazemos o bem e o mal sem sabê-lo, e não há moralidade em nossas ações, embora as vezes ela exista no sentimento das ações de outrem que se relacionam conosco (ROUSSEAU, 2004, p. 56).

A última habilidade a ser despertada no homem, de acordo com Rousseau, é a razão. Com isso, a moralidade não se trata de um juízo resultante da ação da razão, mas de uma impressão da alma humana às suas sensações. Portanto, desde o início, a moralidade encontra-se no homem como resultado da consciência, sendo está um “instinto divino” inato.

Embora a consciência esteja presente desde as primeiras fases do desenvolvimento, “A única lição de moral que convém à infância, e a mais importante em todas as idades, é a de nunca fazer mal a ninguém” (ROUSSEAU, 1995, p. 94). Posteriormente, ao longo dos anos, devem ser trabalhadas as lições acerca da ética, o respeito ao próximo e demais valores importantes para o seu desenvolvimento. Por fim, no período entre os quinze e vinte anos, o qual se tem maior despertar de sentimentos nocivos como, por exemplo, o amor-próprio, é o momento ideal para estimular, ainda mais, o desenvolvimento da moralidade

(GONDIN & VERAS, 2017).

Para ambos os autores estudados o indivíduo deve ser educado para desenvolver sua moralidade. Ponto que para Kant diz respeito ao fato de ter autonomia para deliberar suas atitudes de forma racional. Ter moral significa desenvolver caráter e ética em suas atitudes como cidadão. Já para Rousseau refere-se ao momento em que o indivíduo deixa de seguir suas vontades em detrimento de um bem comum para todos ao seu redor. Trata-se da socialização do indivíduo. Ter moral para ele significa ser sociável.

CONCLUSÃO: A FORMAÇÃO DA CRIANÇA PARA ATUAR NA SOCIEDADE

A proposta do estudo, ancorada na expectativa de visualizar os princípios básicos para a educação da criança na perspectiva de Kant e Rousseau, foi conduzida por um diálogo de aproximação e distinção nas formulações dos dois pensadores.

Para concluir, recuperamos a preocupação que tangencia as duas obras analisadas, qual seja, a finalidade da educação é preparar, instruir e direcionar o indivíduo como ser social, habilitado a ser livre, autônomo e feliz no seio de uma sociedade. As questões colocadas para a interpretação de alguns aspectos dos dois autores, sinalizam a função social da educação, iniciada na infância, compreendida por diferentes etapas até a vida adulta.

Ao analisar as duas teorias educacionais percebe-se que Kant e Rousseau possuem pontos em comum a respeito do estado de inserção da criança no processo educacional, assemelhando-a com o animal em seu estado natural. Trata-se de um ser que precisa de educação para conseguir passar do modo selvagem e se tornar um ser humanizado, civilizado. Outro ponto em comum é a finalidade desta educação que objetiva uma formação emancipadora, proporcionando as condições para a autonomia do sujeito.

Porém, divergem a respeito dos caminhos necessários para que esta formação ocorra. Considerando que Kant prevê um processo educacional que aperfeiçoe a educação doméstica, partindo em defesa da educação pública como forma de sanar todas as deficiências na formação do indivíduo. Entretanto, Rousseau defende uma educação fora das instituições, por meio de preceptores. Onde o indivíduo fica isolado e se socializa apenas nas etapas finais do processo educacional.

Dessa forma, Kant aponta como princípios básicos para se educar uma criança, os seguintes: Disciplina como uma forma de orientação que tirar o indivíduo da animalidade. Instrução (cultura) para tornar o indivíduo culto, aperfeiçoando suas habilidades. Prudência para que permaneça em sociedade de forma civilizada, com pleno domínio de seus sentimentos e paixões. Moral para que se torne uma pessoa de caráter bom.

Enquanto Rousseau propõem princípios, tais como: a Felicidade onde o indivíduo tem a liberdade de manifestar seus desejos. O Amor de si mesmo como uma forma de conservar sua essência natural, permanecendo uma pessoa boa. As Paixões quando o

indivíduo segue suas vontades. A Moral para expressar a forma como o indivíduo se torna sociável.

Todavia, os dois pensadores acreditam que a criança deve ser tratada durante o processo educacional como criança e não com um adulto que possui caráter, pois o indivíduo necessita de um tempo para assimilar o conhecimento criando maturidade para sua evolução.

No entanto, esta análise não se concentra em definir o melhor processo educacional a ser seguido pelo professor dentro de sala de aula e sim em observar o tipo de aluno que cada processo educacional está formando, apontando suas contribuições para a formação de um sujeito crítico e atuante na sociedade, pois somente quando se conhece os princípios fundamentais para a formação de uma criança se pode fornecer uma educação voltada para a moralidade. Cada sujeito é resultado da educação que recebe, tanto em casa pela família como na escola pelo educador, não podendo ser cobrado pela sociedade se essa educação não for fornecida ao indivíduo.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Iracema Dimaria Evangelista. A Educação prática na perspectiva Kantiana: Habilidade, prudência e moralidade. In: **Anais** – XIII Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, PUCPR, 2017. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23637_11711.pdf Acesso em: 20/10/2020

COBRA, Rubem Q. **Immanuel Kant**. Página de Filosofia moderna, Geocities, Internet, 1997. Disponível em: <http://www.antroposmoderno.com/biografias/kant/html> Acesso em: 20/10/2020

CAMPOS, João Pedro Andrade de. A sociedade bem-ordenada em J. J. Rousseau: do amor de si ao amor à ordem. In: **Controvérsia**, São Leopoldo, v. 13, n. 3, 2017. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/controversia/article/download/14829/6463> Acesso em: 26/10/2020

COSTA, Rafaella Silveira Sucupira da. A teoria da educação de Immanuel Kant e o aperfeiçoamento moral. In: **Intuitio**, Porto Alegre-RS, v. 11, n. 2, 2018. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/intuitio/article/view/31890> Acesso em: 26/10/2020.

DALBOSCO, Claudio Almir. Ambiguidade do amor-próprio e formação virtuosa da vontade. In: **Educação**, Porto Alegre, v. 38, n. 1, 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/16335/12762> Acesso em: 22/11/2020

GONDIM, Hamilton Cezar Gomes; VERAS, Roberto Pereira. A pedagogia Kantiana e a educação em Rousseau: comparações morais e políticas. **Saberes**, v. 1, n. 17, p. 99-114, 2017.

KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. Trad. PROENÇA, J. T. Ed. 70. Textos Filosóficos, Edições 70: Lisboa/Portugal, 2012.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Trad P. Quintela. Lisboa: Edições 70, 2007.

KANT, I. **Sobre a Pedagogia**. Trad. FONTANELLA, F. C. 3ª Ed. Piracicaba: UNIMEP, 2006.

KANT, Immanuel. **Sobre a Pedagogia**. Trad. F. Cock. 2ª ed. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1999.

KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta: Que é esclarecimento?** Trad. F. Souza Fernandes. In: Leão, E. (org.) *Textos Seletos*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

LEÃO, Ana Érika Pires. **Consciência e moralidade em Rousseau: Considerações sobre a moralidade e a origem do mal**. Salvador-BA: UFBA, 2013. 90 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. Disponível em: https://ppgf.ufba.br/sites/ppgf.ufba.br/files/consciencia_e_moralidade_em_rousseau.pdf Acesso em: 25/10/2020

LIMA, João Francisco Lopes de. O sujeito, a racionalidade e o discurso pedagógico da modernidade. In: **Interações**, São Paulo, v. 7, n. 14, 2002. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-29072002000200004&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 25/10/2020

NODARI, Paulo Cesar; SAUGO, Fernando. Esclarecimento, educação e autonomia em Kant. In: **Conjectura**, v. 16, n. 1, 2011. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/download/892/615> Acesso em: 26/10/2020

NOGARO, Arnaldo; POKOJESKI, Sueli. O conceito de educação no Emílio de Rousseau. In: **Revista Espaço Pedagógico**, Passo Fundo, v. 11, n. 2, 2004. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rep/article/download/8010/4703/> Acesso em: 25/10/2020

PAIVA, Wilson Alves de. A formação do homem no Emílio de Rousseau. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 3, n. 2, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v33n2/a10v33n2> Acesso em: 27/10/2020

PAIVA, Wilson Alves de. O Emílio e a formação do cidadão do mundo moderno. **Dissertação (Mestrado em filosofia)**, Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, Goiânia-GO, 2005. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/ea000560.pdf> Acesso em: 22/10/2020

ROSA, Leonardo de Ross. Disciplina, o princípio da educação em Kant. In: **Anais – V CINFE – Congresso Internacional de filosofia e educação**, Caxias do Sul-RS, 2010. Disponível em: https://www.ucs.br/ucs/tplcinfe/eventos/cinfe/artigos/artigos/arquivos/eixo_tematico9/Disciplina%20o%20principio%20da%20educacao%20em%20Kant.pdf Acesso em: 21/10/2020

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da educação**. Trad. S. Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Oeuvres complètes**. v. 4. Paris: Gallimard, 1964.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da Educação**. Trad. R. L. Ferreira. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SANTIAGO, Gabriel Lomba. A concepção de felicidade no pensamento de J.-J. Rousseau. In: **Revista Reflexão**, Campinas-SP, n. 85, 2004. Disponível em: <https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reflexao/article/view/3194> Acesso em: 22/11/2020

TOMAZELLI, Gilberto Luiz. Educação natural e infância segundo Jean-Jacques Rousseau. **Dissertação (Mestrado em Educação)**, Faculdade de Educação, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2008. Disponível em: <http://tede.upf.br/jspui/bitstream/tede/724/1/2008GilbertoLuizTomazelli.pdf> Acesso em: 22/11/2020.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ação 5, 10, 12, 29, 33, 40, 49, 51, 52, 53, 54, 58, 88, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 118, 123, 125, 126, 128, 137, 139, 140

Agnosticismo 19

Arte Poética 25

C

Capitalismo Moderno 38, 39, 43, 44, 45, 46

Confúcio 6, 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12

E

Epistemicídio 82, 92

Ética Profissional 1, 13, 147

Exercício Espiritual 5, 6, 48, 49, 50, 51, 52, 54

F

Filosofia 2, 5, 6, 7, 2, 3, 5, 6, 9, 13, 16, 17, 23, 25, 26, 27, 28, 30, 36, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 63, 71, 82, 83, 84, 89, 90, 92, 93, 109, 114, 130, 131, 133, 135, 150, 161, 162

Filosofia Africana 82, 83, 84

H

Humanidades 5, 7, 93, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 157, 158, 159, 160

I

Informação 33, 55, 59, 60, 61, 139

L

Leitura da mente 134, 136, 137, 139, 141

N

Naturopatia 6, 1, 3, 10, 11, 12, 13, 14

Nihilismo 7, 19, 21, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102

P

Panóptico 6, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62

Perfuração de lóbulos 147

Política 7, 9, 39, 40, 47, 77, 104, 107, 108, 109, 110, 111, 127, 155

Psicanálise 133, 134, 141, 142, 143, 145, 146, 149

R

Racionalidade 16, 20, 38, 39, 40, 44, 46, 57, 58, 123, 124, 131, 143

Razoabilidade 5, 6, 15, 16

Responsabilidade 7, 9, 57, 104, 105, 107, 113, 127, 149

Ressurreição dos mortos 6, 15, 16, 22

S

Sentido de vida 63, 71, 80

Sufrimento 6, 18, 20, 21, 22, 25, 26, 30, 33, 34, 36, 88

V

Vigilância 55, 56, 57, 58, 60, 61

Vontade de Poder 94, 95, 96, 97, 98, 101, 102, 103

REFLEXÃO SOBRE TEMAS E QUESTÕES EM ÁREAS AFINS À FILOSOFIA 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

REFLEXÃO SOBRE TEMAS E QUESTÕES EM ÁREAS AFINS À FILOSOFIA 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 